

Público	Periodicidade:	Diário	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	148
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	13



Cultura

● Mau ★☆☆☆☆ Mediocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆
Muito Bom ★★★★★ Excelente

Crítica de Teatro

À procura

Seis personagens à procura de autor

★★★★☆

De Luigi Pirandello. Enc. Jorge Silva Melo. Int. João Perry, Sylvie Rocha, Lia Gama, Pedro Luzindo, Bruno Ambrósio/Hugo Henriques/Miguel Henriques, Inês Antunes/Matilde Coelho/Neuza Campos, Mariema, Pedro Gil, João Meireles, entre outros. Artistas Unidos/SLTM. Lisboa, S. Luiz Teatro Municipal, 17 de Setembro 2009. Sala quase cheia

Seis Personagens à Procura de Autor de Jorge Silva Melo não é um espectáculo perfeito. É um espectáculo árido, com uma respiração difícil e ofegante. Nele a inacção e a estaticidade são aflitivas e a experiência que propicia não é sempre agradável. Contudo, esta imperfeição é a sua grande virtude. E é a maneira mais certa de ser justo com a provocação pirandelliana, na medida em que também o autor siciliano visava tornar imperfeita a experiência dramática, retirando conforto e passividade às plateias e linearidade e previsibilidade à cena.

Neste sentido, o espectáculo dos Artistas Unidos oscila entre o puro devaneio lúdico - peccadilho de actores - e o passionalmente vulcânico - responsabilmente interpretado. A sequência inicial, em que uma companhia de teatro se prepara para começar os ensaios, é deliciosa: os maquinistas preparam a cena, o director de cena ultima o início dos trabalhos, os actores vão chegando entre cumprimentos, brincadeiras e canções. O espaço é o de um qualquer armazém transformado em sala de ensaios (como aqueles em que os AU têm trabalhado): com paredes esfoladas e material desarrumado. Num rádio ouvem-se as músicas de agora. Tudo isto é jogado num registo de cinema mudo, cómico, feliz e, sobretudo, minuciosamente orquestrado.

Esta atmosfera muda radicalmente com a entrada das enigmáticas seis personagens que buscam um autor que possa contar a sua trágica narrativa. Então, o

espectáculo vai arrefecendo até ao calafrio e à medida que a sua tragédia vai sendo desfiada. E entramos na zona árida, difícil. A comicidade e a jovialidade da trupe de actores vão sendo abafadas pela densidade da família em busca de autor; e a história negra das seis personagens vai sendo espasmodicamente interrompida por pequenas incursões cómicas. Contudo, os lados permanecerão impermeáveis, garantindo que o metadiscorso de Luigi Pirandello não desabe.

O numeroso elenco é espantoso na arte de construir pequenas micronarrativas pessoais, jogando quase na invisibilidade, trocando mimos, segredos ou abrindo pequenas portas para outras histórias não contadas. Os cerca de 30 actores criam a teia necessária para que todo o magnífico "castelo de cartas" que é o texto de Pirandello se erga. Pedro Gil (soberbo encenador, nunca caindo na tentação da caricatura), Alexandra Viveiros (bela *femme-fatale* de Alfama), António Simão (chaplinesco director de cena) e Cândido Ferreira (simpática pastiche felliniana) vão liderando o grupo dos actores (mas todos desempenham um papel fulcral); do outro lado, João Perry traz a palavra gelada e séria, Lia Gama carrega a cena de uma dura densidade, Pedro Luzindo é vital quando o tem que ser; e o resto é Sylvie Rocha que oferece uma interpretação absolutamente ímpar, jogando no desequilíbrio corporal e nas súbitas mudanças de posição a justa medida do seu drama interior, tudo ministrado pela sua implacável dicção: magnífica.

Jorge Silva Melo, depois de *Esta Noite Improvisa-se*, volta ao universo pirandelliano fazendo dele um motivo nostálgico para o regresso à exuberância dos primeiros anos dos AU e para o retorno ao primeiro teatro do século XX. E, mais importante, volta a Pirandello como se também ele andasse à procura.

Rui Pina Coelho